A PRESENÇA REAL DE CRISTO

Na tradição da Igreja, a presença real do corpo e do sangue de Cristo na Eucaristia - claramente enunciada pelas palavras de Jesus, segundo os testemunhos dos Evangelhos e de S. Paulo - foi desde o início acolhida como verdade de fé. Foi amplamente afirmada e comentada nos ensinamentos dos Padres e, após o período patrístico, a doutrina desenvolveu-se como efeito de algumas controvérsias às quais o Concilio de Trento deu uma resposta definitiva.

O Concílio de Trento define a Presença real

O Concilio de Trento define a presença real como verdade de fé. No capítulo doutrinal, sublinha que, neste campo, não existe um ensinamento conciliar claro e preciso:

«Em primeiro lugar, o sagrado Concilio afirma, aberta e simplesmente, que no grande Sacramento da Santíssima Eucaristia, após a consagração do pão e do vinho, nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, está contido verdadeira, real e substancialmente sob a aparência ("espécie") daquelas coisas sensíveis» (DS 1636, FC 735).

Os três advérbios, *«verdadeira, real e substancialmente»* não pretendem ter um significado que os distinga uns dos outros. São utilizados, simplesmente, para afirmar a realidade da presença. Reencontramo-los no cânone:

«No Santíssimo Sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeira, real e substancialmente o corpo e o sangue, em união com a alma e a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo e,

portanto, com o Cristo total» (Can 1, DS 1651, FC 745).

O Concilio responde à objeção derivada da presença de Cristo no céu:

«Não existe contradição alguma no facto de que o nosso Salvador esteja sentado para sempre à direita do Pai, nos céus, segundo uma existência que ali é natural, e que, embora para nós Se encontre também em muitos outros lugares, sacramentalmente presente na sua substância, com uma existência que as nossas palavras têm dificuldade em exprimir, mas que a nossa inteligência, iluminada pela fé, ainda pode reconhecer, e em que nós devemos acreditar firmemente, como coisa possível a Deus» (DS 1636, FC 735).

Ao afirmar que não existe incompatibilidade, o Concilio sugere o motivo: sentado à direita do Pai, o Salvador tem o poder de Se tomar presente no sacramento.

Em relação à forma de presença, o Concilio sublinha o seu carácter misterioso; é uma forma de existência que as nossas palavras têm dificuldade em exprimir, mas que a nossa inteligência, iluminada pela fé, pode conhecer. Isto significa que a presença de Cristo no sacramento continuará a ser sempre um mistério: afirmamo-la graças à luz da fé, e esforçamo-nos por precisar o seu significado; trata-se, no entanto, de uma verdade que nos supera. Basta afirmar que não implica qualquer contradição; é superior à razão, mas não a contradiz.

O Concilio ensina esta verdade, não em virtude de uma evidência racional, mas porque *«transmite sobre este verdadeiro e divino Sacramento da Eucaristia a doutrina santa e autêntica que a Igreja Católica, instruída pelo próprio Senhor Jesus Cristo, sempre tem conservado e conservará até ao fim do mundo, através dos seus apóstolos e do Espírito Santo, que lhe sugere toda a verdade, ao longo dos tempos (cf. Jo 14, 26)»* (DS 1635, FC 734).

Assim, é a tradição da Igreja que impõe, de forma decisiva, a afirmação da presença real.

Presença do Cristo integral

O Concilio não afirma apenas a presença real do corpo e do sangue. Ele declara a presença de Jesus Cristo,

«verdadeiro Deus e verdadeiro homem». Está integralmente presente toda a pessoa de Cristo. Segundo a fé da Igreja, *«imediatamente após a consagração, estão presentes o verdadeiro corpo de Nosso Senhor e o seu verdadeiro sangue, em união com a sua alma e divindade».*

Assim, estão presentes a alma e a divindade, que não podem ser separadas do corpo e do sangue. Ao falar, porém, do motivo da presença, o Concilio estabelece algumas distinções:

«O corpo está sob a espécie do pão, e o sangue sob a espécie do vinho, em virtude das palavras proferidas, mas o corpo está sob a espécie do vinho, o sangue sob a espécie do pão, e a alma sob ambas as espécies, em virtude desta ligação e concomitância natural, pela qual as várias partes de Cristo Senhor, que, «depois de ressuscitado dos mortos já não pode morrer» (Rm 6, 9), estão ligadas entre si; quanto à divindade, está presente devido à sua admirável união hipostática com o corpo e a alma» (DS 1640, FC 738).

O Concilio chega à conclusão da presença total de Cristo sob uma e outra espécie:

«Por isso, é absolutamente verdade que Ele está contido, quer sob uma quer sob outra espécie, e também sob ambas. Com efeito, o Cristo total e integral existe sob a espécie do pão e sob qualquer partícula dessa espécie, como todo o Cristo existe sob a espécie do vinho, e sob todas as suas partes» (DS 1641, FC

738). O corpo e o sangue tomam-se presentes graças às palavras pronunciadas sobre o pão e o vinho.

Mais importante ainda é a presença da alma de Cristo, em virtude da sua união indissolúvel com o corpo, definitivamente adquirida no momento da ressurreição; houve uma separação no momento da morte de Jesus, mas devemos recordar que o corpo dado em alimento eucarístico é o corpo chegado ao estado glorioso, estado que reuniu corpo e alma no momento da ressurreição, e que toma impossível qualquer separação futura.

Finalmente, acima de tudo, há a presença da divindade. Corpo e alma, em Cristo, pertencem à pessoa divina do Filho. A sua presença só tem sentido enquanto presença própria da pessoa de Cristo. A divindade designa a natureza divina, enquanto, mediante a união hipostática, natureza divina e natureza humana estão unidas na hipostase, ou pessoa de Cristo.

A verdade definida

O Concílio de Trento refere a transubstanciação como verdade indissoluvelmente ligada à da presença real. Aquilo que é ensinado pelo Concilio é uma verdade de fé, não uma opinião filosófica. Com efeito, a Igreja sempre acreditou que, através da consagração do pão e do vinho, se realiza uma conversão de toda a substância do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Cristo. E importante precisar a verdade definida pelo Concilio; trata-se da conversão de uma substância noutra, com persistência das «espécies» do pão e do vinho.

Devemos, portanto, entender a substância como a realidade fundamental, que se encontra sob as aparências. No sacramento da Eucaristia, verifica-se uma tal mudança, que a realidade do pão dá lugar à realidade do corpo de Cristo.

A mudança deixa subsistir as «espécies» do pão e do vinho, mas

apenas as espécies: nada subsiste da substância do pão e do vinho, porque, em virtude das palavras da consagração, só está presente a substância do corpo e do sangue de Cristo.

O termo «transubstanciação»

Com o termo «transubstanciação» a Igreja exprime a mudança de forma precisa. Não é considerado um conceito pertencente a um sistema filosófico; o termo «substância», nele contido, não representa qualquer ligação específica com uma teoria particular.

No desenvolvimento doutrinal, o termo «transubstanciação» foi acolhido como mais adequado para exprimir a fé da Igreja relativa àquilo que acontece no momento da consagração do pão e do vinho. O termo «transubstanciação» apareceu, no século XII, e teve uma rápida difusão, dada a sua grande capacidade para fazer entender o núcleo essencial da doutrina.

Ele conserva este valor, indicando a profundidade da mudança da realidade fundamental - ou substância - do pão, em realidade fundamental do corpo de Cristo. Alguns consideravam este termo demasiado complicado ou demasiado difícil de explicar, mas a mudança de uma realidade para a outra pode ser compreendida com bastante facilidade, embora a sua afirmação continue inevitavelmente envolta no mistério da Eucaristia.

Ainda hoje não conhecemos nenhum termo mais adequado para explicar a doutrina da Igreja.

Fundamento e desenvolvimento na Escritura

Antes de mais, a doutrina da transubstanciação tem o seu fundamento nas palavras de Jesus: «Isto (é) o meu corpo», «Isto (é) o meu sangue». Na realidade, estas palavras afirmam simplesmente a presença do corpo e a presença do sangue, e isso

pressupõe que o pão tenha dado lugar ao corpo e o vinho ao sangue.

Para falar com maior exatidão, Jesus não diz: «Este pão é o meu corpo», nem «Este vinho é o meu sangue». Ao dizer «isto», não faz qualquer determinação prévia daquilo que tem na mão, e as suas palavras referem-se, como única determinação, ao corpo e ao sangue. Devemos concluir que, em virtude das palavras de Jesus, aquilo que antes era o pão e o vinho se transformou em corpo e sangue, embora conservando a aparência sensível do pão e do vinho. Nas palavras da consagração é implicitamente pronunciada a transubstanciação, a mudança da realidade do pão e do vinho em realidade do corpo e do sangue.

Na tradição

Os Padres da Igreja afirmaram a mudança do pão em corpo de Cristo: o pão e o vinho sofrem uma mudança, ou transformação, passando a ser corpo e sangue de Cristo. O pão e o vinho deixam de ser pão e vinho, transformando-se em corpo e sangue.

«Aquilo que parece pão não é pão, embora o gosto seja semelhante, mas o corpo de Cristo e aquilo que parece vinho não é vinho - embora tenha o mesmo sabor - mas o sangue de Cristo» (Cirilo de Jerusalém, Cat. 4, 9; PG 33, 1104). «Antes das palavras sacramentais, este pão é pão; depois da consagração, o pão passa a ser carne de Cristo» (Ambrósio, PI, ló, 439-440). Para descrever esta mudança, os Padres dão o exemplo da transformação da água em vinho, nas bodas de Caná.

Cf. Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, *Eucaristia, Sacramento de vida nova,* Capítulo V.